

MEMÓRIAS DA DITADURA NOS ANOS 1980 E A MINISSÉRIE *ANOS REBELDES: A TELEFICÇÃO COMO ARTE*

ROBERTO ABDALA JUNIOR¹

INTRODUÇÃO

As reflexões que apresentamos a seguir surgiram ao longo da pesquisa de doutorado: um estudo sobre as chamadas “memórias sociais”, relativas à ditadura militar brasileira nos anos 1980. A investigação nasceu a partir de dois “acontecimentos” ocorridos em 1992: a exibição de uma minissérie pela Rede Globo de Televisão, cujo contexto histórico da trama coincide com o período de vigência da ditadura, chamada *Anos Rebeldes* e o processo de *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, marcado por grandes manifestações públicas, nas quais a presença de estudantes era maciça. O mais intrigante foi que os dois acontecimentos apresentaram uma incontestável e rara relação: os estudantes que assumiram um protagonismo político do qual haviam se afastado desde o início dos anos 1970, referiam-se deliberadamente à minissérie, não somente nas palavras de ordem, mas numa diversidade de signos que animavam as ações públicas das quais participavam.

Ao investigar aqueles acontecimentos, nos deparamos com as lutas pelas memórias da ditadura, além de outra categoria de memória que, a rigor, não era contemplada entre aquelas postuladas como “nacionais” nem por militantes de esquerda, nem por militares. A imersão nos anos 1980 levou-nos a analisar alguns “sinais” da cultura histórica de época e a explorar a possibilidade de a teleficção, no afã de “dialogar” com o repertório das memórias do “grande público”,² ter acolhido também aquela categoria de memórias.

Nossa hipótese consistia em considerar que *Anos Rebeldes*, ao trazer as mobilizações dos anos 1960 para a tela da TV, *dialogava*, não somente com as memórias daqueles anos “revolucionários”, mas também com memórias de experiências mais recentes: dos então emergentes “movimentos sociais”. Uma hipótese que, embora difícil de investigar, seria facilmente defensável com argumentos e reflexões de

* Doutor (UFMG); pesquisa financiada pela CAPES e CNPq. Atualmente é professor da Faculdade de História da UFG.

² Ver: *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. (WOLTON, 1996).

Raymond Williams, Mikhail Bakhtin (ou mais precisamente o *Círculo de Bakhtin*) no que se refere à arte e à cultura, e aos de Jörn Rüsen, sobre a Teoria da História.

Sob o ponto de vista empírico, era possível comprovar a hipótese, em larga medida, por meios das experiências ocorridas com o cinema ao longo do século XX. Afinal, a *sétima arte*, em quase um século de existência, nunca mediu esforços para cumprir o papel que era então atribuído à minissérie: mais do que participar, interferir em processos sociais.³ Noutros termos, as evidências empíricas podiam ser explicadas por uma nova abordagem que, a partir dos anos 1970, se dissemina no Ocidente, quando as teses de Vygotsky, Bakhtin e seu círculo, finalmente, passam a ser conhecidas fora da União Soviética.⁴ No seu conjunto, as teses destes autores, articuladas às propostas por Walter Benjamin e Raymond Williams permitiam estudar o papel *estruturante* desempenhado pela *mídia* na *era da reprodutividade técnica*, mas, contrariando algumas correntes analíticas recentes, exigiam uma abordagem da obra contextualizada historicamente.

Segundo este quadro analítico, não se podia considerar obras audiovisuais como fundadoras de memórias, mas como “arte ordinária”: concebida como recurso antropológico que *apreende, organiza, descreve e comunica* experiências sociais, fazendo com que lembranças coletivas sejam articuladas em discursos partilháveis. A obra não teria, então, a possibilidade de mobilizar multidões em si. O papel cumprido pela minissérie foi o de formular *diálogos* dos quais extrairia seus significados que somente puderam encontrar a repercussão ocorrida em 1992, porque havia uma situação histórica na qual o repertório do público assegurava aquela *resposta*⁵ precisa à obra de teleficção. Noutro contexto, isso não aconteceria, pelo menos, não da maneira como ocorreu naquele ano.

O objetivo deste trabalho é, pois, demonstrar como a teleficção pode ser tomada como *obra de arte* característica do Brasil contemporâneo, empregando como evidências históricas aqueles dois acontecimentos. Noutros termos, vamos demonstrar

³ A ideia de um cinema que pretende desempenhar uma ação militante pode ser atribuído, desde o cinema norte-americano do início do século XX, aos cineastas soviéticos dos anos 1920 (Einsentein, Vertov, etc.), passando pelo cinema europeu do pós-guerra, ao Cinema Novo brasileiro.

⁴ A este respeito, ver Williams (1979).

⁵ A noção de que a recepção de obras consideradas “de arte” na contemporaneidade promovem “respostas”, cognitivas em Bakhtin e sociais em Williams, está contemplada na bibliografia dos autores elencadas nas referências. Ver também Abdala Jr (2009).

que alguns dos elementos que contribuíram para a construção daquele “acontecimento-problema” foram a criação de uma obra cuja linguagem era acessível ao *grande público*; a exibição da minissérie em um *contexto histórico* no qual seus significados sociais e políticos repercutem e são ampliados – além daqueles, estritamente, expressos na narrativa em si; a existência de *repertório cultural partilhado* – discursivo (cultura histórica⁶), mas também experiencial⁷ – permitindo que os “diálogos” travados entre a minissérie e as demais *memórias* fundamentassem os significados nas experiências coletivas, assegurando ainda que se pudesse forjar uma “resposta” social àquela obra de arte. Todos estes elementos, articulados pelas circunstâncias históricas, levaram alguns segmentos da população a orientar sua ação conforme aquela narrativa, que, embora não científica, era concebida como a *história* – a mais verossímil interpretação do passado,⁸ a disposição do *grande público* – apreendida, organizada, descrita e comunicada pela minissérie.

O PASSADO NO PRESENTE: MEMÓRIAS, CULTURA E TELEVISÃO

Ao visitarmos a história brasileira não é difícil perceber como as elites, sistematicamente, tentaram silenciar as formas ação política e/ou social auto-gestadas da sociedade, particularmente no que se refere às iniciativas de segmentos populares. Se não foi possível sufocar *todas* as suas manifestações, sobretudo no que tange à política, isso se deve ao caráter intrínseco das sociedades, sempre capazes de oferecer alguma forma de resistência, explícita e/ou velada. No contexto brasileiro dos anos 1960 em diante, em função da opressão política perpetrada pelo Estado ditatorial e, nos anos que se seguiram à ditadura, das lutas pela representação do passado nacional, as múltiplas formas de atribuição de significado às experiências e memórias sociais ganham importância superlativa, expressando as mazelas deste embate.

⁶ RÜSEN, 2007; ABREU, SOIHET, e GONTIJO, 2007:16.

⁷ A respeito da possibilidade da memória social ser fruto também de práticas sociais, Jelin afirma que as experiências, além das obras, “Também se manifesta nas ações e expressões, antes de re-presentar o passado, incorporam-no performativamente. (Van Alphen, 1997). (JELIN, 2002:37; tradução livre).

⁸ RÜSEN, 2001, 2007 a e b.

Não cabe no espaço deste texto aprofundar uma trajetória focada em aspectos empíricos, exercício que desenvolvemos em outro trabalho,⁹ mas trazê-los para o campo de nossas reflexões. No entanto, é importante recordar que a própria invenção da “nação” brasileira, no bojo dos demais movimentos que visavam a esse mesmo propósito, foi engendrada pelas elites, senão sócio-econômicas, muitas vezes culturais ou militares. Nessa empreitada das elites brasileiras, é fácil observar a prática de ignorar ou negligenciar as manifestações de segmentos populares, tanto em momentos que estes agiam na esfera pública, quanto naqueles voltados para reivindicações relativas à ação do Estado.¹⁰

Sabemos que a produção de memórias no Brasil – como tradicionalmente aconteceu nos países ocidentais – coube, sobretudo, a esses mesmos agentes sociais.¹¹ Negligenciados, segmentos populares brasileiros escarneciam dos grupos que se arrogavam a liderança social, pelo menos desde o final do século XIX, como a obra *Os bestializados* de Carvalho (1987) revelou nos anos 1980. No entanto, no período ditatorial a situação se agravou, pois as práticas de opressão desferidas pelos órgãos oficiais da ditadura não criaram quaisquer mecanismos alternativos para mediar as insatisfações e reivindicações sociais.

Nos anos que se seguiram ao golpe, especialmente à sua radicalização, no final dos anos 1960, com a decretação do AI-5 (1968) ocorreu, então, que os segmentos populares da sociedade brasileira, compostos por recém chegados das zonas rurais, puderam agir na esfera pública de forma mais autônoma. Livres das formas tradicionais de ação política que sempre os excluía das hostes do poder e das decisões de Estado, mas também alheios às interpretações canônicas sobre “sua condição” e a “realidade”, segundo as quais eram considerados “manipulados” em suas aspirações e reivindicações,¹² estes segmentos da população puderam empregar registros menos maniqueístas para apreender o mundo que os cercava, ao negociarem, cotidianamente, as condições de sua sobrevivência com órgãos do poder instituído.¹³

⁹ Ver Abdala Junior (2009).

¹⁰ MOTA, 1977.

¹¹ HOBBSAWM, 2002 [1990]; ANDERSON, 2005; BALAKRISHNAN, 2000.

¹² WEFFORT, 1978.

¹³ SADER, 1988.

Ao cumprirem essa trajetória, os movimentos sociais brasileiros operaram uma *carnavalização* – para empregar um termo de caráter mais cultural¹⁴ – dos procedimentos políticos voltados para alcançar conquistas sociais e econômicas. Muitas vezes influenciados por ex-membros da esquerda, a verdade é que esses movimentos ganharam legitimidade empregando, frequentemente, argumentos oficiais a seu favor, apropriando-se e subvertendo os significados dos discursos sobre “cidadania” que lhes eram impingidos pela ditadura.¹⁵

Nos anos 1980, talvez em decorrência do ocaso das ditaduras na América Latina, esse caráter dos movimentos sociais culminou por revelar um potencial transformador insuspeitado. Ao contradizerem análises “clássicas” sobre seu papel social e político, os movimentos sociais latino-americanos converteram-se então em fenômeno reconhecido e para o qual convergiram os olhares de cientistas sociais de todo o mundo.

No caso brasileiro, a televisão cumpriu um papel importante no processo de desenraizar e modernizar as tradicionais práticas políticas, mesmo que sua dimensão e extensão ainda não tenham sido devidamente esclarecidas.¹⁶ Isso ocorreu porque, embora apoiando o golpe e a ditadura – de forma velada ou não¹⁷ – as empresas de comunicação continuavam a depender de audiência para posicionarem-se no incipiente mercado de consumo brasileiro, inclusive de bens simbólicos.

Assim, essas empresas eram obrigadas a manter profissionais em seus quadros que, não obstante suas declaradas escolhas políticas (de esquerda), fossem capazes de assegurar a fidelidade do público aos seus programas.¹⁸ O fenômeno deu-se em todos os setores da incipiente indústria de televisão que se consolidava no país, mas sobretudo nas áreas ligadas à telenovela – a maior responsável pelo lucro e pela fidelidade da

¹⁴ Empregamos aqui uma licença teórica com relação ao termo bakhtiniano, empregando-o no sentido de apreender um deslocamento de significados e valores operado na sociedade brasileira. Referirmos-nos às mudanças fundamentais ocorridas na esfera cultural, engendradas pelos movimentos sociais desde os anos 1970/1980, na América Latina em geral e no Brasil em particular, cujo traço característico é a instauração de uma cultura categorizada por reivindicar o “direito a ter direitos”. Ver a respeito Dagnino (1994, 2000) e Maia (2006), especialmente, em Avritzer e Costa (2006).

¹⁵ Argumento defendido por Sader (1988).

¹⁶ SKDIMORE, 1988; SODRÉ, 1984.

¹⁷ SKDIMORE, 1988; SODRÉ, 1984; CLARK & PRIOLLI, 1991; KUSHNIR, 2004.

¹⁸ Ver a esse respeito Dias Gomes (1998).

audiência.¹⁹ Um aspecto contraditório que a ditadura não pode evitar e que, nos anos 1980, até mesmos pesquisadores de esquerda eram obrigados a reconhecer.²⁰

No caso do Brasil, é importante destacar que, embora a televisão tivesse sido implantada na década de 1950, ela conhece um expressivo dinamismo somente a partir da segunda metade da década de 1960 em diante. A explicação para que isso ocorresse no período é apresentada, de forma sucinta e esclarecedora por Ortiz:

Ambos os setores [empresários e os militares à frente do governo ditatorial] vêm vantagens em integrar o território nacional, mas enquanto os militares propõem a unificação política das consciências, os empresários sublinham o lado da integração do mercado.²¹

Além dos esclarecimentos fornecidos por Ortiz, é ainda importante reconhecer que ocorreu um vertiginoso avanço na penetração alcançada pela televisão na sociedade brasileira e houve a retomada do crescimento econômico na segunda metade da década. No período seguinte, que se estende de meados da década de 1960 a meados da de 1970, também ocorreu a consolidação da televisão como principal veículo de comunicação de massas – muito em função da ampliação do crédito ao consumidor, de avanços técnicos e tecnológicos da indústria e de outras ações governamentais para apoiá-las – e, por extensão, da telenovela no imaginário nacional.

Vale lembrar que as características das transformações mencionadas anteriormente devem ser consideradas no bojo de outras grandes mudanças que se operavam na sociedade brasileira, como o incremento da industrialização e da urbanização. Além disso, não se pode negligenciar que, em meados da década seguinte, o panorama político ganhava nova configuração, com a vitória da oposição nas eleições majoritárias de 1974. Segundo analistas de época e os próprios militares, um fenômeno que se deveu à propaganda veiculada pela televisão.²²

No novo contexto histórico que se configura, também as memórias que se têm como acervo para travar um efetivo “diálogo” não se restringem mais àquelas de

¹⁹ Ver a esse respeito o trabalho dos anos 1989 de Ortiz, Borelli e Ramos (1991), além de Mattelart (1991) Walter Clark & Priolli (1991) .

²⁰ Ver a esse respeito, especialmente, Sodré (1984[2001]), Mattelart (1998) e Skidmore (1988).

²¹ ORTIZ, 1988: 118.

²² Ver a esse respeito Sodré (1984[2001]), Mattelart (1998[1989]) e Skidmore (1988). Sobre a opinião dos militares, a chamada “Lei Falcão” que limitava a propaganda na televisão nas elei es seguintes é um  ndice claro que, para eles também a propaganda televisiva havia prejudicado os candidatos governistas.

militantes e militares, mas e, sobretudo, às que vinham se consolidando na cultura a partir de novas práticas sociais, nascidas dos movimentos sociais que ganhavam autonomia, relevância social e poder político. Amalgamam-se nesse caldo cultural de representações que se converteram em discursos sobre o passado os resultados de inúmeros “diálogos” entre a “cultura histórica”, forjada pelas elites brasileiras para representar a “História Nacional” e as “memórias coletivamente compartilhadas” pelos brasileiros, engendradas nas suas lutas cotidianas ao longo do tempo, especialmente nas décadas precedentes, nas quais os movimentos sociais haviam se consolidado como uma nova força política.

O aspecto fundamental, nesse caso, é observar que estas “memórias” foram apreendidas, organizadas e descritas por meio de uma minissérie de televisão; enfim, uma obra que pode ser considerada como um dos gêneros mais populares da televisão brasileira: a teleficção. Tomados sob o quadro analítico elaborado anteriormente, os acontecimentos de 1992 escapam de serem considerados somente sob o viés de um fenômeno midiático e/ou político imediato e ganham densidade histórica.

Mais importante, segundo nossa visão, é considerar que aqueles acontecimentos permitem entrever uma categoria de memória muito pouco considerada entre cientistas sociais, ainda muito presos às memórias legitimadas por discursos articulados e oficiais – mesmo reconhecendo que eles são engendrados por agentes sociais que detêm, ou consideram que detêm o poder de “escrever a história nacional”. Nessa mesma perspectiva, a televisão brasileira, por uma série de fatores que indicamos sucintamente acima, foi capaz de realizar uma obra de teleficção que “dialogava” com as memórias oficiais – que ganharam voz entre militantes e militares nas décadas anteriores – mas também e, nesse caso, sobretudo; com as memórias dos brasileiros comuns, nascidas nas práticas mais prosaicas da sociedade, embora (ainda) não convertidas em discursos: as “memórias coletivamente compartilhadas”.

Assim, uma minissérie produzida pela empresa que se caracterizou por ganhar a liderança nacional no campo dos meios de comunicação de massa apoiada pela ditadura militar: a Rede Globo de Televisão; tendo sido considerada, inclusive, como a “porta-voz oficial do regime”,²³ por uma conjunção de fatores históricos, foi capaz de cumprir um papel social no Brasil que, muitas vezes, foi atribuído ao cinema e sua produção nos

²³ SKIDMORE, 1988; CLARK E PRIOLLI, 1991.

países que passaram pelos processos de industrialização e urbanização mais cedo do que o Brasil e a América Latina. Resta-nos, parafraseando Marc Ferro, estudar a telenovela e outras formas de produção tele-ficcional brasileira e associá-los ao mundo que o produz, afinal

imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou mera invenção, é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto História quanto a História.” (FERRO, 1992, p.203).

Referências

- ABREU, Martha, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 2007.
- ALVAREZ, Sonia E. & Dagnino, Evelina & Escobar, Arturo (Org.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte; UFMG; 2000.
- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Tradução de Clovis Marques. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005 (1983/1991).
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília : EDNUB, 1996. 3. ed.
- BAKHTIN, Mikhail . O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp / Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BALAKRISHNAN, Gopal. (org.) *Um mapa da questão nacional*. Tradução: Vera Ribeiro; revisão de tradução: Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORELLI, Silvia H. S. & PRIOLLI, Gabriel. (coord.). *A deusa ferida: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

BRITTOS, Valério C. & BOLAÑO, César R. S.(org.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto & GONZÁLEZ, María Fernanda. *Enseñanza de la historia y memoria colectiva*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CARVALHO, Jose Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a republica que não foi*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CLARK, Walter & PRIOLLI, Gabriel. *O campeão de audiência*. São Paulo: Best Seller, 1991.

CONTI, Mario Sérgio. *Noticias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

DAGNINO, Evelina. (org.) *Os anos 90: política e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DARTON, Robert. Cinema: Danton e o duplo sentido. In: *O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990; 51-53. (a)

DREIFUSS, Réne Armand. *1964, a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (Org). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, pp. 199-213.

FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.143-179.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *A força da periferia: A luta das mulheres por creches em São Paulo*. Editora: Vozes Ltda, 1985.

GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais*. São Paulo: Loyola, 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Reivindicações populares urbanas: um estudo sobre as associações de moradores de São Paulo*. Editora: Cortez, 1982.

GOMES, Dias. *Apenas um subversivo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1998.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flavio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003. 2. ed.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HERZ, Daniel. *A história secreta da rede globo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro. Editora: Paz e terra: 2002 [1990], 3ª edição.

HOLANDA, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004 [1979].

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno De España Editores, 2002.

KORNIS, Mônica Almeida. *Uma História do Brasil recente nas minisséries da Rede Globo*. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, novembro de 2000. Mimeo.

KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: Uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial /Jikings Editores Associados, 2004.

LAGNY, Michele. *Cine e Historia. Problemas y métodos en la investigación cinematográfica*. Barcelona: Bosch, 1997.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda, 1986. [1983].

LIMA , Venício A & RAMOS, Murilo C. *Televisão no Brasil: desinformação e democracia*. In: FLEISCHER, David (org.) *Da distensão à abertura: as eleições de 1982*. Brasília: UnB, 1988: 216-233.

LIMA , Venício A. de. *Globo e política: “tudo a ver”*. In: BRITTOS, Valério C. & BOLAÑO, César R. S.(Org.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005. 2ª ed. p.103-129.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

MAIA, Rousiley & CASTRO Maria Céres Pimenta Spíndola. (Orgs.) *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, German . *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução: Jacob Gorender. São Paulo: SENAC, 2004. 2ª ed.

MARTINS Fº., João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*. Belo Horizonte, nº 28, dezembro, 2002, p. 178-201.

MARTINS Fº., João Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar políticas na ditadura (1964-1969)*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1995.

MATTELART, Micchèle & Armand. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. Tradução: Suzana Calazans. São Pulo: Brasiliense, 1998 [1989]; 2ª edição.

MELO, Ana Cláudia Peixoto. *História e ficção na minissérie Anos Rebeldes*. Uberlândia, MG: Faculdade de História, 2006; mimeo.

MELO, Carlos Alberto Furtado de. *Collor: o ator s suas circunstâncias*. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (pontos de partida para uma revisão histórica)*. São Paulo: Ática, 1977 [1974].

NAPOLITANO, Marcos. A arte engajada e seus públicos (1955/1968). *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 28, 2001: 103-124. (a)

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950 -1980)*. São Paulo: Contexto, 2006. [2001] 3ª ed.

NAPOLITANO, Marcos. Em busca do tempo perdido: utopia revolucionária e arte engajada no Brasil. *Revista de sociologia e política*. Curitiba, nº 16; jun. 2001: 149-152.(b)

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 179-193.

NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-1998. 4 v. (v.4)

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. De Geisel a Collor: as forças armadas, transição e democracia. Campinas: Papirus, 1994.

ORTIZ, Renato, BORELLI, Silvia Helena Simões, RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: História e produção*. Editora Brasiliense. 2ª edição, 1991[1989].

ORTIZ, Renato. *A moderna civilização brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAOLI, Maria C; SADER, Eder & TELLES Vera da S.. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 3, n° 6, 1983.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1989; Associação de Pesquisa e Documentação Histórica – CPDOC/FGV; pp. 3-15.

RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, televisão e publicidade: cultura popular de massa no Brasil nos anos 1970 – 1980*. 2ª Edição – São Paulo: Annablume, 2004.

REIS Fº, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 1990 [1989].

REIS Fº., Daniel A., RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo P. S. (Org.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia e el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. São Paulo: ano 1, vol. 17; junho de 2005; p. 81-110.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

ROCHA, Amara Silva Souza. *Nas ondas da modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950ª 1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

ROSENSTONE, Robert A. *El pasado en imágenes: El desafío del cine a nuestra idea de la historia*. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1997.

RÜSEN, Jörn. *História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. (b)

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da História I: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Revisão técnica: Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. (a)

SADER, Eder. *Quando novos atores entram em cena*. RJ: Paz e Terra, 1988.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964 – 1969. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978: 61-92. (Coleção Literatura e teoria literária; v.27).

SKIDIMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964 a 1985*. Trad. Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001. 7ª ed. (1ª Ed. 1984 [1977])

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

VENTURA, Zuenir. *1968, o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003 [1988]. 39ª Impresão.

WEFFORT, Francisco C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WERTSCH, James V. *Voces de la mente*. Madrid: Visor Distribuciones S/A, 1993.

WERTSCH, James V. *Voices of Collective Remembering*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Tradução Horacio Pons. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Literatura e marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979 [1971].

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: 1996 [1990].